



FILMES
QUE AMO
— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 01 DE NOVEMBRO, DE 2021 - 19H00
MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

A PAIXÃO DE JOANA D'ARC

Título original: La passion de Jeanne d'Arc

Realização: Carl Theodor Dreyer (França, 1928)

PORQUE GOSTO DE FILMES MUDOS



O que é que existe no cinema mudo que me apaixona de tal forma? Creio que é uma pergunta com resposta simples, por um lado, e uma obscura, pelo outro. O cinema mudo prolonga-se entre 1885, data da primeira sessão dos Irmãos Lumière, e finais da década de 20 ("O Cantor de Jazz" é de 1927, mas há muitos filmes mudos posteriores a essa data).

Nessa trintena de anos, assistiu-se ao nascimento de uma nova arte. Não é todos os dias que se pode acompanhar, a par e passo, a evolução de uma nova forma artística, descobrir os avanços e recuos, o apurar de certas características, surpreender os grandes títulos, maravilhar-se com as potencialidades desse novo meio.

O cinema mudo começa por ser tido apenas como um divertimento de feira que rapidamente será esquecido. Mas tal não acontece. Para criar alguma respeitabilidade cultural, começa a adaptar peças de teatro, recriar quadros históricos, e não passa disso. Até que homens como Griffith o tentam impor com a grandeza de uma dramaturgia onde aparecera Shakespeare ou Molière, com o poder de uma literatura que já dera gigantes como Cervantes e Dickens. Não era, todavia, importando narrativas antigas, mas criando uma nova, com regras e liberdades a inventar.

É verdadeiramente espantoso acompanhar o percurso destas descobertas, desta forma de descrever aspectos íntimos de uma personagem sem uma palavra, unicamente com o poder expressivo das imagens, com o relacionamento dos planos entre si (a montagem), com um tipo de representação que terá de enfatizar os sentimentos e as emoções, sem, todavia, cair no ridículo da caricatura. Ao longo dessas três décadas o cinema aprimorou uma linguagem própria, libertou-se das amarras do teatro e da literatura, criou uma liberdade nunca mais igualada. Basta referir que durante essas décadas se impôs o cinema clássico norte-americano, mas este viu-se acompanhado por movimentos de um radicalismo formal que foi do expressionismo alemão ao surrealismo francês, passando pelo construtivismo soviético e por alguns outros modernismos literários e artísticos que tiveram o seu equivalente nos ecrãs mundiais. Nunca houve tanta criatividade e, sobretudo, nunca o cinema voltou a captar multidões com obras profundamente

revolucionárias da sua narrativa (o que aconteceu com quase todos os movimentos referidos, com excepção óbvia do surrealismo, que foi acolhido como os seus autores o pretendiam: como uma provocação pública e anticonformista que chamava à pateada e solicitava o conflito).

De resto, como escrita que se baseava na imagem, e muito raro se socorria da palavra, através dessas legendas a que chamavam "intertítulos" e que davam ligação entre várias cenas ou sequências, o cinema mudo foi uma lição de eficácia narrativa, jogando com toda a plêiade de recursos plásticos que permitissem ao espectador acompanhar uma história, sentir um estado de espírito, emocionar-se através do que via no ecrã. O que tornou o cinema uma arte universal, pois um filme podia ser exibido em qualquer parte do mundo, que era entendido na sua essência. O afastar dessa especificidade levou alguns cineastas do mudo, génios como Chaplin, a não aceitarem muito bem a introdução do som no cinema.

Quando dei aulas de cinema em vários estabelecimentos de ensino superior, nas primeiras aulas explicava logo aos meus alunos que iríamos ver muito cinema mudo, pois quase tudo que hoje se vê nas salas já estava em embrião nessa fase da história do cinema. De início protestavam: "Professor, filmes mudos não!". No final andavam atrás de mim para eu lhes emprestar algumas cassetes, depois DVDs, com obras que os tinham apaixonado e levado a entender de outra forma o que era, e é, o cinema.

Cada vez me convengo mais que tudo o que faz a grandeza do cinema já se encontra exposto ou adivinhado, em rudimentos ou na sua máxima dimensão, no melhor do cinema mudo. Como neste fabuloso filme de Carl Dreyer, "A Paixão de Joana D'Arc".



A PAIXÃO DE JOANA D'ARC

Há filmes que criam imagens tão poderosas que nunca mais se esquecem. Creio que vi pela primeira vez "La Passion de Jeanne d'Arc", de Carl Dreyer, em finais dos anos 50 ou inícios dos de 60, num ciclo organizado pela então recém-criada Cinemateca Portuguesa. Eu devia andar por volta dos vinte anos e nunca mais esqueci as espantosas imagens que o cineasta dinamarquês criara em 1928, numa produção francesa que contava com uma interpretação fabulosa de uma atriz francesa hoje em dia quase esquecida, Maria Falconetti.

Imagens poderosas. Essa a principal característica deste filme memorável que acompanha o julgamento, a condenação e o martírio de Joana d'Arc, personagem bem conhecida da História de França, apelidada, nessa altura, de bruxa e

herege, depois passando a mártire e santa.

Há muitas dúvidas sobre vários aspectos da vida de Joana d'Arc. Consta que nasceu a 6 de Janeiro de 1412 em Domrémy-la-Pucelle, Lorena, em França, e viria a morrer na fogueira, a 30 de Maio de 1431, com apenas 19 anos, em Ruão, ainda em França.

Jeanne d'Arc, cognominada "La Pucelle d'Orléans", tornou-se a santa padroeira dos franceses, sendo sucessivamente uma lenda e um mito, aproveitados por direita e esquerda, monárquicos e republicanos, consoante a época e a forma como é apresentada.

Tornou-se conhecida fundamentalmente através da sua participação religiosa e militar na Guerra dos Cem Anos, que transformou a França num cenário sangrento de luta. Filha de humildes agricultores, começou a afirmar convictamente que ouvia vozes divinas, de São Gabriel sobretudo, que a conduziam a rezar, levar uma existência de extremo pudor e, finalmente, a enfrentar os ingleses invasores e os Borguinhões, franceses que se tinham aliado a eles. Ela permanecia leal ao rei Carlos VII e aos Armagnacs, conseguindo chegar à fala com o rei e convencê-lo a deixá-la integrar o exército que partia para a luta pela recuperação do território gaulês em posse dos ingleses.

A Guerra dos Cem Anos, que realmente se estendeu por 116 anos, iniciou-se em 1337. Foi um relativo vazio de poder, por morte do rei, sem deixar descendentes masculinos, que originou a divisão dos franceses e a

aparição dos ingleses a tomarem partido pelos borguinhões.

Quando tinha apenas dezasseis anos, Joana dirige-se a Chinon, onde se encontrava Carlos VII, e algum tempo depois consegue ser enviada para a frente da guerra, envergando sempre vestes masculinas (facto que merece ainda hoje muitas e diversificadas interpretações). Joana não era uma jovem sem ambições. Quando chegou junto do rei, declarou: "Senhor, vim conduzir os vossos exércitos à vitória". Carlos VII entrega-lhe uma espada, um estandarte com bandeira branca e enviou-a com as tropas rumo a Orleães. Não se sabe na realidade qual terá sido a acção de Joana na condução do exército, mas a verdade é que terá influenciado as tropas com o seu exemplo.

Participou em várias batalhas no ano de 1429 e chegou a ser ferida num cerco de Paris. No início de 1430, participava na tentativa de libertação da cidade Compiègne, quando foi feita prisioneira pelos franceses borguinhões, aliados dos ingleses. Foi conduzida ao castelo de Beaulieu-lès-Fontaines, interrogada, depois passou pelo castelo de Beaurevoir, mais tarde transferida para Ruão.

Julga-se que uma das mais temíveis perseguidoras de Joana, terá sido a portuguesa infanta D. Isabel, filha de D. João I e duquesa de Borgonha, aliada dos ingleses. Joana D'Arc submeteu-a a um cerco aquando da sua chegada a Borgonha para se casar com Filipe, o Bom. A infanta D. Isabel nunca lhe terá perdoado.

Em Ruão, Joana esteve presa em péssimas condições, iniciando-se então o processo que a levou à fogueira. Acusada de heresia e assassinato, de bruxaria e de endemoniada, o registo do seu julgamento foi conservado em actas que chegaram até Carl Dreyer, com base nas quais ele e Joseph Delteil construíram o argumento que está na base do seu filme.

Joana de Lorena, como também é conhecida, foi queimada viva a 30 de Maio de 1431, na Place du Vieux Marché, de Ruão. Para tentar evitar a criação de um local de romagem, as cinzas foram lançadas no Sena, mas pouco tempo depois, em 1456, foi considerada inocente pelo Papa Calisto III, e o processo que a condenou considerado improcedente. Em 1909 a Igreja Católica autoriza a sua beatificação e em 1920, Joana d'Arc é canonizada pelo Papa Bento XV.

Dreyer, um fervoroso crente, o que é visível ao longo de toda a sua filmografia, de "Dia de Cólera" a "A Palavra" ou "Gertrud", interessou-se pelo caso de Joana D'Arc depois de esta ter sido canonizada. A sua vida e sobretudo os últimos tempos permitiam-lhe "interpretar um hino ao triunfo da alma sobre a vida". Para tanto, e apesar de ter efectuado um aprofundado estudo do período histórico e das principais personagens que intervieram no processo, Dreyer pretendia um filme completamente despojado de decorativismo desnecessário. Os seus cenários são os mais simples e despidos de adereços, paredes brancas de castelos e palácios, raros adereços, apenas os indispensáveis, e um diálogo fundamentalmente recuperando passagens verídicas das actas do julgamento. Depois havia a necessidade de encontrar a intérprete ideal para este papel. Os responsáveis foram alinhavando hipóteses, de Lillian Gish a Madeleine Renaud, mas seria finalmente Renée Falconetti a escolhida, ela que até aí tinha sido uma actriz de teatro de boulevard. O realizador descobriu no rosto da actriz o cenário ideal para reflectir uma vida de sofrimento e martírio. Ela seria não só o rosto de uma mulher martirizada, mas convicta das suas crenças, e igualmente a face de uma Humanidade que sofre e se sacrifica. A Europa tinha conhecido a terrível realidade da I Guerra Mundial, terminada dez anos antes, e preparava-se para assistir à ascensão das grandes ditaduras e do eclodir da II Guerra Mundial.

Carl Theodor Dreyer, nascido em Copenhague, Dinamarca, a 3 de Fevereiro de 1889, falecido na mesma cidade, a 20 de Março de 1968, é considerado unanimemente como um dos mais importantes cineastas de toda a história do cinema mundial e um dos que maior influência exerceu, pelo menos numa certa vertente do cinema.

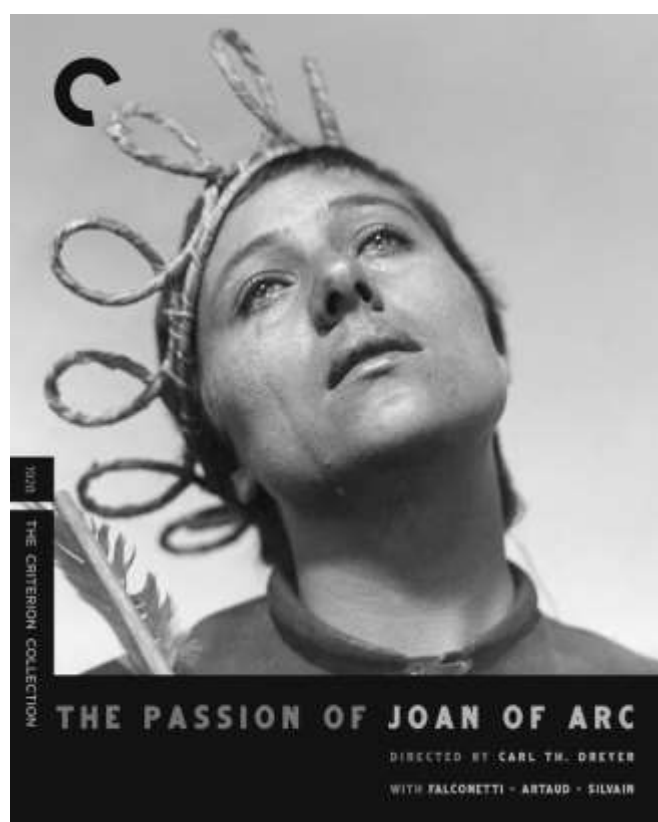
Dreyer teve uma infância difícil que terá marcado toda a sua personalidade. Foi filho natural de uma governanta, Joséphine Nillson, que morreu pouco depois, após um aborto malsucedido, foi adoptado pela família Dreyer da qual adoptou o apelido. Só soube deste facto quando já tinha dezassete anos, mas há muito que detestava essa família de acolhimento. Conheceu várias profissões, até chegar a jornalista, sobretudo sobre cinema, destacando-se a sua admiração por Griffith e os suecos Victor Sjöström e Mauritz Stiller. Em 1912 ingressa na indústria cinematográfica, surgindo na Nordisk Films Kompagni, onde passa por diversas funções, até se estrear na realização, em 1918, com "O Presidente". Ainda no mudo, dirige várias obras até viajar até França, convidado pelo duque de Ayen, vice-presidente da Société Générale de films, que lhe entregou o manuscrito de Joseph Delteil, que aceita refundir e que transforma na sua obra-prima, "La Passion de Jeanne d'Arc" (1928).

O filme possui uma intensidade dramática e um rigor narrativo impressionantes, devidos totalmente ao talento do cineasta, que recria um ambiente opressivo e violento, que "inventa" enquadramentos inesperados (com desequilíbrios espantosos, entre os rostos, as presenças humanas e os cenários), que utiliza os grandes planos de rostos humanos de uma forma brilhante (sem qualquer tipo de maquilhagem, para tornar mais autênticas essas presenças). Há uma estilização óbvia em toda a encenação das cenas do julgamento e posteriormente do acto de fé, descarnando-as de todo o acessório, mas nada resulta artificial, movendo-se a obra numa ambiência de terror psicológico que é magnificamente sustentado, sem qualquer tipo de efeito gratuito. Dreyer foi enorme a escolher os actores e os figurantes, a dirigi-los, e a imprimir ao conjunto uma admirável tensão dramática, servindo-se de forma magnífica de toda a expressividade da imagem, lição que o melhor do cinema mudo foi depurando ao longo dos primeiros trinta anos da existência do cinema. A

montagem também participa de forma activa deste estado de graça criativo que tornou Dreyer num dos maiores cineastas de todos os tempos.

Uma obra-prima incontestável, que o passar dos anos só acentua a sua genialidade.

Nota: Joana D'Arc é das figuras históricas mais aproveitadas pelo cinema. Logo no cinema mudo surgiram as primeiras aproximações: "Jeanne d'Arc", de 1899, com realização de Georges Méliès, terá sido a primeira, com Jeanne d'Alcy na protagonista. Mais tarde, em 1917, surge "Joan the Woman", de Cecil B. de Mille, com Geraldine Farrar. O filme de Dreyer é de 1928, e no ano seguinte surge "La Merveilleuse Vie de Jeanne d'Arc", de Marco de Gastyne, com Simone Genevois. Já durante o sonoro, várias foram igualmente as recriações da vida da mártir de Orleães: 1948, "Joan of Arc", de Victor Fleming, com a belíssima Ingrid Bergman, que regressa à personagem em 1954, pela mão de Roberto Rossellini, em "Giovanna d'Arco al rogo". Otto Preminger também foi sensível ao tema, tratando-o em "Saint Joan", com Jean Seberg. Outra obra grande da cinematografia mundial surgiria em 1962, "Procès de Jeanne d'Arc", com direcção de Robert Bresson e Florence Delay na protagonista. "Jeanne la Pucelle I - Les batailles", e "Jeanne la Pucelle II - Les prisons" ambos de 1994, com realização de Jacques Rivette tem Sandrine Bonnaire no papel de Joana. "The Messenger: The Story of Joan of Arc", de Luc Besson, em 1999, conta com Milla Jovovich no papel principal e terá sido um dos últimos grandes títulos sobre Joana D'Arc no cinema. Na televisão há diversos teledramáticos e séries a considerar.



A PAIXÃO DE JOANA D'ARC

Título original: *La passion de Jeanne d'Arc*

Realização: Carl Theodor Dreyer (França, 1928);
Argumento: Joseph Delteil, Carl Theodor Dreyer; **Música:** Jesper Kyd (2007), Ole Schmidt (1982), Victor Alix, Léo Pouget; **Fotografia (cor):** Rudolph Maté; **Montagem:** Marguerite Beaugé, Carl Theodor Dreyer; **Guarda-roupa:** Valentine Hugo; **Assistentes de realização:** Ralph Christian Holm, Paul La Cour; **Departamento de arte:** Jean Hugo, Hermann Warm; **Consultor histórico:** Pierre Champion; **Companhias de produção:** Société générale des films;
Intérpretes: Maria Falconetti (Jeanne d'Arc), Eugene Silvain (bispo Pierre Cauchon), André Berley (Jean d'Estivet), Maurice Schutz (Nicolas Loyseleur), Antonin Artaud (Jean Massieu), Michel Simon (Jean Lemaître), Jean d'Yd (Guillaume Evrard), Louis Ravet (Beaupère), Armand Lurville (Juge (Juiz), Jacques Arnna (Juiz), Alexandre Mihalesco (Juiz), Léon Larive (Juiz), Jean Aymé, Gilbert Dacheux, Gilbert Dalleu, Paul Delauzac, Dimitri Dimitriev, Fournez-Goffard, Henri Gaultier, Paul Jorge, Marie Lacroix, Henri Maillard, Raymond Narlay, etc. **Duração:** 110 minutos; (versão reduzida: 82 minutos); **Distribuição em Portugal:** Films4you; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 18 de Março de 1929.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO, DE 2021

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 19H00 (entrada livre)

AS PORTAS DO CÉU

Título original: *Heaven's Gate*

Realização: Michael Cimino (EUA, 1979); | **Duração:** 149 minutos | **M/12**